



BROWN, Sander. Cangote envenenado. São Paulo: Penalux, 2017. 66p.

QUANDO O CANGOTE É VIDA... QUANDO O VENENO É AMOR...

*Maria das Graças Targino
Doutora em Ciência da Informação
Jornalista e Pós-Doutora em Jornalismo*

A multiplicidade de nomes – Sanderli J. Silva Segundo ou San Segundo ou Sander Brown – é um indicativo poético da alma múltipla desse “homem-menino”, que exerce papéis tão diferenciados na vida – filho, pai do pequenino Nicolas, marido, irmão, profissional bibliotecário, aluno de pós-graduação em Ciência da Informação, amigo, colega, companheiro, vizinho, etc. etc. Assim mesmo, etc., três vezes em seguida ou muitas vezes mais.

Afinal, Sanderli J. S. é poeta e cordelista, poeta e acadêmico, poeta e aluno, poeta e mestre, poeta e menino, poeta e adulto, poeta e acadêmico “chique” da Academia de Cordel do Vale do Paraíba... Como poeta e menino, brinca a torto e a direito com as palavras a partir do próprio título de seu recente

livro de poesia, que faz qualquer um viajar. “Cangote envenenado” dá chances para mil interpretações. Segundo o poeta paraibano, ao escolher o título do livro editado pela Penalux, São Paulo, 2017, pensou num cheiro que de tão bom se tornara viciante: quanto mais sente, maior a vontade de cheirar. E mais, faz de uma dedicatória – texto convencional, por excelência, na maioria dos livros – um momento de encontro com a magia das palavras. Diz: “sem muito amasso, para fulano e sicrano, beltrano não faço questão...”

As palavras, sempre elas. E eis San (acrescento eu, sem autorização e sem veneno, novo nome ao autor) mesclando temas variados. Afinal, eles compõem a variedade do próprio ser – vida e morte; alegria e tristeza; sonho e

desilusão; plenitude e solidão; solidariedade e hipocrisia; realidade e utopia; clareza d'alma e loucura, e assim infinitamente. Os temas estão literalmente jogados em palavras que se diluem em destinos esperados e inesperados – poesias concretas, sonetos e cordéis.

As palavras, sempre elas. De início, “Cangote envenenado”, numa rudeza que cheira à doçura se impõe, em letras garrafais – CONCRETO. E lá estão eles. Versos que rompem com o convencionalismo envenenado com mensagens tradicionais. A magia de uma esquina, o frescor da inocência incontida, a loucura poética de uma professora nada convencional (eu em versos, “O ar da Graça”), o feitiço de Mariana, que se deixa engolir por um rio desalmado...

As palavras, sempre elas. Sanderli J. Silva Segundo se esconde em pseudônimos, mas se encontra e volta a se perder em SONETOS que encantam. Não consegui lê-los. Devorei-os com ganas de eu própria me perder e me achar. Reli com mais vagareza, e, sobretudo, vontade imensa de mergulhar naquele oceano de palavras tão cuidadosamente entrelaçadas e entrançadas... O mar envolto no vento ao escurecer se mescla e se funde com as tentativas vãs de voar...

As palavras, sempre elas. Agora, em CORDEL! Versos melódicos e cadenciados. Desta vez, ao contrário do que se fazia originariamente em Portugal, dispensam a exposição em cordas, cordéis ou barbantes. Aqui estão eles ilustrando ou compondo “Cangote envenenado.” O batuque envenenado de emoção. A vingança contra o maluco para lá de envenenado que sonhou em “pegar

nordestino e afogar”. O sonho matreiro de se espalhar pelo sertão afora, “comendo bucho de bode com farinha e feijão, galinha de capoeira [e] um pirão feito na feira.”

As palavras, sempre elas. Correndo em disparada pelas mãos do poeta e menino... Sua obra envolve todos os sentidos: visão, audição, olfato, gosto e tato. Ver ou ler ou escutar em voz alta os poemas de Sanderli é ouvir seus sonhos e inquietudes de poeta ou compartilhar suas expectativas ante o futuro. E mais, para os desavisados, ousou afirmar que poesia tem odor e sabor. Odor ao produzir impressão agradável, tal como o aroma de flores ou de chão molhado. Sabor, como qualidade comparável a qualquer coisa que agrada e delicia. Em se tratando do tato, a presença de San, com seus cabelos assanhados, encaracolados, longos ou curtos, com seu sorriso de menino, com seus olhos que expressam extrema vivacidade, constitui festa aos olhos de qualquer um, que consegue ver na juventude a força do viver. Sua presença provoca sensações que geram a cumplicidade silenciosa dos que buscam extrapolar a mediocridade que tenta o homem comum, sorrateiramente, dia a dia.

Por tudo isso, mesmo eu, amante da poesia, mas não expert em poesia, reconheço o momento único de escrever sobre “Cangote envenenado.” Fácil, fácil! Por um único motivo! A poesia de Sanderli não exige conhecimento técnico. Um só mergulho e lá vou eu embebecida e embriagada de poesia, tal como ele mesmo diz no poema “Poesia”: “Parece-me vinho. Degusto... Em goles. Engulo... Angústias, ares... Mares”.